

Não são os democratas portugueses, mas o governo de Salazar que está ao serviço dos interesses estrangeiros.

Das Resoluções do CC, Julho de 48

O governo não hesita em sacrificar a independência nacional aos interesses dos monopolistas estrangeiros.

Das Resoluções do CC, Mar. de 48

Proletários de todos os Países: UNI-VOS!

A Frente!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

MOÇAMBIQUE, NOVA COLÓNIA DOS E. E. U. U. SALAZAR ENTREGA O TERRITÓRIO PORTUGUÊS AOS IMPERIALISTAS NORTE-AMERICANOS

No dia 19 de Novembro, o ministro dos Negócios Estrangeiros, o fascista-razá Caetano da Mata, comunicou à Imprensa o resgate da concessão dos caminhos de ferro da Beira (Moçambique) até agora explorados pela companhia inglesa «Beira Railway». No dia 27 de Julho, o governo anunciava o resgate do porto da Beira até então igualmente nas mãos dos ingleses.

A propaganda fascista apresenta estes factos como uma «expressão da política patriótica do governo, como um fortalecimento da soberania nacional», como uma «consolidação da integridade do império», como «um passo para regressar a mãos portuguesas todos os factores de desenvolvimento económico». Tudo isto é uma vergonhosa demagogia.

Ninguém mais do que nós, comunistas, luta contra o domínio do imperialismo sobre as riquezas de Portugal e das colónias portuguesas. Se o resgate do porto e dos caminhos de ferro da Beira tivesse como finalidade a libertação da Economia de Moçambique do domínio estrangeiro, se ele deixasse parte dessa política verdadeiramente nacional e de auxílio aos povos moçambicanos, nós faríamos muito apólar os acordos celebrados pelo governo. Mas essa não é a realidade. O preço pago por Salazar pelo resgate dos caminhos de ferro da Beira não é apenas o d. s. genciosos 4 milhões de libras pagas à Beira Railway.

O preço, são novas e rotundas concessões que entregam mais amplamente Moçambique aos imperialistas anglo-norte-americanos. O resgate do porto e dos caminhos de ferro da Beira, está compreendido num vasto plano político da camarilha salazarista. A esse plano é, não o da libertação de Portugal e das colónias portuguesas do jugo estrangeiro, mas, ao contrário, do enriquecimento total das nossas riquezas ao imperialismo anglo-norte-americano, da transformação de territórios

de Portugal e Colónias em bases económicas e estratégicas dos fomentadores duma nova guerra.

Salazar e a sua camarilha não estão a defender e a consolidar a soberania nacional. Eles estão, passo a passo, alienando a integridade territorial e a independência do país.

A ÁFRICA, FONTE DE MATÉRIAS PRIMAS DO «BLOCO OCIDENTAL»

Nos seus projectos de desencadear uma nova guerra, contra o URSS e as democracias populares, os militaristas norte-americanos e seus lacaios europeus, estão a preparar uma acção particular ao continente africano. A África, é uma rica fonte de matérias primas estratégicas necessárias à indústria de guerra dos EE UU e do «Bloco Ocidental» europeu carece de matérias primas para o rearmamento do seu potencial militar.

Dai uma intensa actividade no Continente africano e uma necessária pilagem e exploração dos povos coloniais.

Desta forma, os imperialistas anglo-americanos e seus satélites, em vista da integração da África no «Bloco Ocidental», «a organização da Europa ocidental», disse Bevin, «deve servir de apoio económico». Isso envolve a mais íntima colaboração com a Comunidade britânica e territórios do Ultramar, não somente britânicos, mas também holandeses, belgas e portugueses.

Foi a voz dos seus padrões estrangeiros, Salazar declarava (no discurso de 27 de Novembro de 1941) que os destinos de toda a África são solidários com a Europa Ocidental, sublinhando que a África é a base suficiente para a política que se deseja fazer.

Qual é essa política, segundo Salazar? Ele disse-o com clareza

ao afirmar, no mesmo discurso, que só há uma alternativa para os EE UU e Grã-Bretanha:

«Dividir o mundo com a Rússia, o que é impossível, além de contrário aos seus interesses e aos seus princípios ou bater-se com ela e na Europa para os salvar».

Isto é o desencadear da guerra contra o URSS — baluarte da paz, da segurança dos povos e da independência das nações — e a política que os impe-

rialistas «desejam fazer» e para a qual, segundo Salazar, «a África é base suficiente, com as suas ricas matérias primas. É assim propósito assente e confessado de Salazar entregar as riquezas coloniais aos imperialistas anglo-americanos, por as colónias portuguesas ao serviço dos fomentadores duma nova guerra.

Naturalmente que os EE UU, aproveitando-se do enfraquecimento das velhas potências coloniais (particularmente da França

e da Inglaterra), apossam-se das riquezas africanas, desalojando ingleses e franceses das suas esferas de influência e das suas próprias colónias. Isto se passa também nas colónias portuguesas, onde os ingleses têm tido posições preponderantes. O resgate do porto e caminho de ferro da Beira, só pode ser compreendido tendo em conta esta política de expansão, de dominação mundial e de guerra dos EE UU e a política de enfraquecimento aos EE UU do governo fascista de Salazar.

» página 2

Salazar não tem entrada na ONU SÓ UM GOVERNO DEMOCRÁTICO SERÁ RECEBIDO NA COMUNIDADE DAS NAÇÕES UNIDAS

A camarilha fascista de Salazar ficou enraivecida pela desfilha, feita perante a ONU, do seu regime de ódio e terror. Os fascistas vão ao arroyo de pretenderem ignorar a existência do MUNAF e de acusarem os antifascistas portugueses de anti-patriotas e por apelarem para o estrangeiro para interferir no país.

A camilla irrompe, porém, não atinge os antifascistas portugueses. Os democratas e todos os antifascistas repudiam, combatem e combatirão sempre a interferência estrangeira no país. E, por isso, eles denunciaram e continuarão a denunciar o governo fascista de Salazar perante o povo português e o mundo, como um governo il-

tural fascista que nega ao povo as liberdades democráticas: como um governo de provocadores de guerra; como um governo que para se manter no poder procura no estrangeiro um apoio que o povo português lhe recusa obstinadamente, não olhando ao preço que esse apoio custa ao País.

São os salazaristas e não os democratas, que estão ao serviço do estrangeiro e que apelam para ele para obstar à implantação da Democracia em Portugal: entrega das riquezas de Portugal e das suas colónias; cedência de bases militares e toda a espécie de concessões que põem em perigo a independência nacional.

O que os antifascistas e todos

os democratas querem e exigem do estrangeiro é que não interfira em Portugal, que não apoie e defendam um regime fascista que há 22 anos esmaga e oprime o povo português. A Democracia e a liberdade, estas, saberão os democratas portugueses conquistá-las. Esta tarefa só a eles compete e não pedem a ninguém que a venha fazer por eles, por eles, darão combate sem tréguas ao governo fascista de Salazar.

A Inauguração DA BARRAGEM DE IDANHA-A-NOVA A demagogia fascista é desmascarada

A inauguração da primeira parte da barragem de Idanha-A-Nova foi dada uma importância de verdadeiro acontecimento nacional. Ela serviu aos salazaristas, aliás, como serve sempre a mais pequena obra realizada, como, por exemplo, um simples marco fundatório, para realçar o «poder realizador» do «Estado Novo» de Salazar. E sem a menor dúvida, ela serviu de pretexto, como, aliás, o salazarismo o vem fazendo em série, para se fazer a mais decorada propaganda eleitoral da Câmara, enquanto se continua negando liberdade de propaganda e eleição ao candidato da Oposição, o general Norton de Matos. Por vezes, gostava mais digno que as despesas das inaugurações do que com a própria realização das obras.

38.500 contos, mas devido ao atraso da sua construção atingiu o dobro.

Das 20 obras projectadas e que deveriam estar prontas, em 1950, só foram concluídas as do Paúl de Magos, do Paúl de Cela, de Burgães, do Alvaça e de Loures. Todas estas obras conjuntamente com a de Idanha, beneficiam apenas 3.570 hectares dos 109.000 projectados.

Foram precisos 14 anos ao salazarismo para realizar estas obras pois os seus projectos foram aprovados em 1934 e 1935. Com um tal poder de realização seriam precisos 300 anos para concluir todas as obras do projecto.

Claro que não negamos a importância da obra agora inaugurada, pelo contrário lutamos, lutamos e lutaremos sempre para que os directores da Nação sejam gastos em obras de fomento, como combatemos sempre e cada vez com mais vigor, os embasamentos do dinheiro do povo em obras sumptuosas de reclame ao fascismo e em obras de carácter militar, no rearmamento do exército e das forças repressivas que outro objectivo não têm do que servir os seus novos patrões da Wall Street e esmagar os anseios democráticos do povo português. E, por isso, continuamos a desmascarar a demagogia e a mentira fascistas.

As obras de maior vulto, pode dizer-se que ainda não foram iniciadas: Vale do Serrala, com 39.000 hectares; Campos do Mondego, com 13.000; e Campos do Ribatejo, com 12.000. A primeira e a última, deveriam estar terminadas em 1950 e a segunda, em 1945. Quando serão iniciadas ou concluídas?

Com a construção de escolas sucede outro tanto. O plano dos centenários que projectou a construção de 7.160 edifícios com 2.500 salas de aulas e que deveriam estar terminados em 1951, só tinham sido entregues, até Abril de 1947, 40 edifícios; encontravam-se mais 144 construídos e 351 em construção, isto é, ao todo 543 edifícios. Segundo o projecto deviam estar construídos até fins de 1948, 4.000 novos edifícios. Por outro lado, a construção de enda edifício leva, custando o dobro do que estava orçado, devido, na sua maior parte, ao atraso com que o projecto vem sendo executado.

Salazar e a sua camarilha, esforcem-se por todos os meios para se fazerem passar por «democratas orgânicos» no estrangeiro. As dezenas de milhares de contos com que o Goelcis português, António Ferro, paga a propaganda salazarista no estrangeiro, são hoje impoentes, ante a luta do povo português, para esconder ao mundo o carácter fascista do governo de Salazar. A luta crescente do povo português contra o regime de traição de Salazar e contra uma mais longa, tozosa e conhecida em todo o mundo. E, assim, o mundo democrático tem conhecimento de que o povo português luta para implantar em Portugal a Democracia e a Liberdade — condição indispensável e exigida para Portugal entrar na ONU.

Portugal entrará na ONU, pois, por mérito próprio e não como Salazar o pretende, enganando e pagando caro aos imperialistas rapaces anglo-americanos essa entrada.

O referer da Legião, milícia de tipo hitleriano, as paradas dos canhões-verdes da M. P.; as demonstrações de força em todo o país para intimidar os democratas; as prisões de centenas de democratas em todo o País; os espancamentos; a célebre e diabólica posição de castilhos aplicada aos presos durante muitos dias seguidos (até ao esgotamento total); os longos meses de incombustibilidade; os assaltos e arrastamentos às casas dos democratas pelos bandidos da PIDE (Gestapo salazarista); os discursos ameaçadores de Canseco de Abreu, ministro do Interior e do engenho de André Navarro, presidente da Junta Central da Legião; a contrafeitura dos veredictos do povo espanhol com os veredictos do povo português; as reuniões dos governadores civis de todo o país e libras com a participação dos comandantes da O. N. R.; P. S. P.; da Legião e do sub-director da PIDE, o fúrigido capitão Castel, com vistas ao alinhamento das forças repressivas para serem atiradas contra todos aqueles que apoiam a candidatura do gen. Norton de Matos; e corte continuado dos democratas nos catrões eleitorais; a luxuriosidade nas mais peregrinas liberdades de propaganda, de rendimento de imprensa, de evasão de votos partidos, por todos, tudo isto vem comprando a justiça do documento que o MUNAF enviou à ONU, onde se punha a claro as características fascistas do governo de Salazar.

O SIGNIFICADO DAS ELEIÇÕES AMERICANAS

A vitória de Truman nas eleições presidenciais dos EE UU, foi como que um autêntico balde-de-água-fria lançado sobre as cabeças dos fascistas e reacção de todo mundo. Todos anunciavam e tinham já como certa a vitória do ultra-reacccionário Dewey, pois, este promovia uma política de guerra e provocações contra a União Soviética e os países da Democracia Popular, ainda mais aberta do que a seguida pelo seu rival, Truman. Dewey, Foster Dulles, Vandenberg, C., julgando-se já vitoriosos anunciavam mais medidas restritivas contra as liberdades e direitos sociais dos trabalhadores.

monopólios; promete seguir uma política de paz com a União Soviética e, por isso, tenta caviar o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Wilson, a Moscovo para estabelecer negociações directas com o governo Soviético, etc., etc.

Por tudo isto, o povo americano compreendeu que, no momento presente, o que se impunha como medida imediata era a derrota de Dewey e, por isso ele votou mais contra Dewey do que por Truman. O próprio Wallace, alguns Estados, aconselhou os eleitores a votarem em Truman para derrotar Dewey.

Mas, o povo americano não quer o fascismo e a guerra e, por isso, cada vez envergava mais as fileiras do Partido Progressista de Wallace, porque esta defendia e defende, uma verdadeira política de Paz com todos os povos e, em primeiro lugar, com a União Soviética — porque no seu programa estavam inscritas as consígnas: Liberdade para todos, sem distinção de raças, a Democracia, o Bem-Estar do povo americano, um auxílio desinteressado aos povos que dele necessitam, a luta contra os monopolistas (fomentadores de uma nova guerra, etc., etc.)

Sentindo o terreno ligeir-lhe debatido dos pés, Truman é forçado a seguir uma tática eleitoral diferente da desejada. E, assim ele torna suas muitas consígnas do Partido Progressista de Wallace: promete a revogação da lei anti-operária Taft-Hartley; combate a acção da célebre Comissão de Actividades Anti-Americanas; defende e promete a defesa livre nos tribunais mesmo para os comunistas; promete aumento de salários e lutar contra os grandes

Apesar de Truman continuar a seguir uma política de guerra e anti-democrática e de continuar a auxiliar desceradamente os governos fascistas e reacccionários de todo o mundo, como o de Salazar, o de Franco, o de Chang Kai Chek, o monarca-fascista grego e outros, os reacccionários de todo o mundo e, em primeiro lugar, os grandes monopolistas americanos, ficaram desesperados com a derrota de Dewey, porque se viam na sua eleição o advento do fascismo na grande Nação norte-americana e com ele uma política de guerra mais aberta, um maior auxílio aos governos reacccionários do mundo e maiores lucros para os fabricantes de canhões, de aviões e da bomba atómica.

Por seu lado o povo americano e, em primeiro lugar os trabalhadores, não esqueceram as promessas de Truman. Por isso a pressão das massas cada vez se torna mais potente para o obrigarem a cumprir-las. Os operários exigem constantemente a revogação imediata da colerada lei Taft-Hartley; as greves por aumento de salários cada vez são mais numerosas

» pag. 2

CONTRA A EXPLORAÇÃO DO ESTADO CORPORATIVO E DO GRANDE PATRONATO

Os Operários Têxteis do Norte

intensificam a luta e fortalecem a sua unidade

A voracidade do governo fascista de Salazar não tem limites. Ao mesmo tempo que se mostra impotente e incapaz de solucionar os problemas fundamentais que afetam o povo; de sustentar a alta do custo de vida e de abastecer convenientemente o povo, soffoca este com novos e mais pesados impostos (para 1949, mais 400 mil contos) e com mais descontos de toda a espécie. Mas, como sempre, é sobre os ombros das classes trabalhadoras que o salazarismo faz cair o maior peso das suas medidas de exploração.

A sua politica de guerra, comandada por Washington, tudo consume, enquanto que para obras de fomento, tendentes a aumentar e tornar mais barata a produção nacional — agrícola e industrial — e com ella o bem-estar do povo e o progresso do país, o salazarismo destina verbas insignificantes do orçamento geral do Estado. Muitas das obras que servirão para a tão «afamada» «Exposição de Obras Públicas», como motivo de propaganda electoraleira, foram feitas, em boa parte, com os dinheiros do Fundo do Desemprego, roubados aos trabalhadores, assim como com os dinheiros das Caixas de Previdência.

Continuando com a sua politica antidonacional e antoponular, o governo de Salazar faz um novo assalto aos já magros salários dos trabalhadores.

Numa circular datada de 6 de Novembro, a Caixa de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil comunicava á gerência das fabricas que os operários que faltassem ao trabalho, que tivessem sido suspensos por castigo durante vários dias, ou que estivessem de «licença limitada» teriam de pagar á referida Caixa, não sómente o desconto que cai sobre o seu salário, como também a parte que cabe ao patronato, elevando esses descontos a 13,2% sobre os salários.

Quer dizer: por esta medida antoperária, os operários não recebem do salário de obriganõ alguma coisa mesmo assim obrigados a descontar por si e pelo patronato. Mas isto ainda não bastava para os tão descontentes camilhões dos trabalhadores (caso estes se recusem a pagar á Caixa (estes descontos infames) serão expulsos das Caixas).

Perante esta nova forma de exploração, os operários têxteis, principalmente as mulhe- rezes, levantam os seus protestos indignados, tomam o caminho da luta contra mais esta prepetua salazarista.

Assim, as valentes mulheres da Fabrica de Fiação e Tecidos do Jardim (Marinhos), do PORTO levantam-se em massa, protestando junto dos encarregados e lideradores contra tal medida. Alguns destes, inconspicivelmente, porque nãõsio desde já também afectada e não compreendendo que esta forma de agir dos fascistas, da organização corporativa e do patronato reaccional, tem por objectivo dividir os operários para mais facilmente os reduzir á miséria, não acompanharam as valentes operárias. Mas estas sentindo bem na própria carne o que representava tal medida, pararam os lares e logo ali elegeram uma Comissão de Tete, para a qual se dirigiu a Unidade que se dirigiu ao patrão, gritando-lhe bem alto que não admittam mais descontos nos seus já míseros salários.

Aviúdo pelo patrão chegou um delegado do I. N. T., que procurou convencer as operárias. Como não o conseguisse tentou convencer o patrão a descontar nas férias os 13,2%. Mas perante a attitud firme e unida dos seus operários e perante os seus protestos energícos, o patrão disse-lhe que não faria tal, que descontassem elles se quisessem.

A attitud firme e enérgica das valentes operárias «Marinhos» levou o patronato a recusar-se a fazer o desconto injusto, o que representa uma vitória da classe operária contra a exploração infame dos burocratas fascistas das Caixas de Previdência e contra o Estado Corporativo.

Por sua vez as operárias da Fabrica de Fiação e Tecidos do Campo Alegre, PORTO, ao verem atacadida na fabrica tal «Circular», pararam as máquinas durante moleto dia, protestando em altos gritos contra tal forma de exploração.

Mas, ao contrário do que fizeram as operárias dos «Marinhos» não passaram daí, não se aperceberam que, embora a medida que as atingia fosse do governo, deviam exigir dos patrões que não fizessem quaisquer descontos, deviam logo ali eleger, entre as mais firmes e honestas, uma Comissão de Unidade para ir junto do I. N. T. e da Caixa protestar e exigir que a medida fosse anulada.

A vitória alcançada pelas va-

lentes operárias dos «Marinhos» deve servir de exemplo e de estimulo a todos os operários têxteis do Norte. Em TODAS AS FABRICAS se devem constituir e eleger Comissões de Unidade e Comissões Sindicais para, com o apoio de TODOS, coordenarem e dirigirem a luta de TODOS contra mais este assalto aos seus salários e exigirem a anulação de tal medida exploradora. Ao mesmo tempo, todos os operários e operárias devem agir com firmeza e energia junto dos patrões no sentido de lhes não permitirem que se saiam de lá sem mais um

centavo nos seus salários.

Por outro lado, alguns taboreas da Têxtil, como o multimilionário Manuel Pinto de Azevedo e o seu sócio, o fascista Delgado dos Santos, não querem ficar atrás do governo em encontrar formas para explorar, mais ainda, os operários.

Assim, em 17 de Novembro, mais uma vez foram applicadas muitas das teceduras desta grande empresa por afanosos nas peças ou por as terem lavadas.

Mas, também, mais uma vez estas valentes lutaradoras, que são brilhantes exemplos de luta têm dados aos homens seus camilhões de trabalho, protestaram indignadamente em grupo junto do

gerente Delgado dos Santos. Este recusou-se a acceder à justa reclamação, dizendo que a baixar a annuncios fixando multas por toda a obra que viesse suje ou com indícios de vir lavada. Embora as operárias lhes tivessem salientado que era impossível fazerem uma peça de pano sem a sujearem, este explorador fascista não accedeu.

No outro dia, uma Comissão de 25 operárias, avistouse com o presidente do Sindicato, que é encarregado desta fabrica, de quem exigiram medidas de defesa dos seus salários, para fazer reparações as multas. Este que é um modelo de perfeito lacado do patronato disse-lhes que nada podia fazer,

«que eram ordens do sr. eng. que era preciso cumprir». Um outro, encarregado, o sr. Naive, começou a discutir com a Comissão, defendendo as medidas do patrão. Em facedista, as valentes operárias da Comissão, forte com o apoio de todas, responderam: «Os nossos rechebidos imediatamente pela direcção da empresa em caso contrario, toda a tecelagem pára».

Assustados, logo comunicaram ao gerente da fabrica a firme disposição das mulhezes. Este marculhou em entrevista para o dia seguinte, mas só com 3 mulhezes da Comissão. Não obstante isso, mais de 50 acompanharam as 3 da Comissão até junto da porta do gabinete.

Pela firmeza da Comissão, que gozava do inteiro apoio e incentivo de todas as mulhezes, as multas foram anuladas e de futuro só poderão ser mudadas no caso de se poder provar que foi a tecelagem a culpada. Por outro lado, a gerência comprometeu-se a mandar colocar em todas as secções lavatórios, ficando as operárias autorizadas a lavarem os mãos tantas vezes quantas julparem necessarias, o que anteriormente ficarem vedados. Os encarregados ficaram proibidos de applicar multa a qualquer operária em caso de falta de tecelagem se ella é ou não culpada.

A Unidade firme das valentes operárias da Fábrika da S.ª da Ilhota assegurou-lhes mais esta vitória parcial sobre os intentos exploradores da gerência. Importa que a luta contra as multas do patronato, tão frequentes nesta empresa do «libera» rei da Têxtil, Pinto de Azevedo, seja alargada e continue até se acabar de vez com esta forma ignóbil de exploração patronal.

OPERÁRIOS TÊXTEIS DO NORTE Se intensificam a vossa luta, alargando-a a TODAS as fabricas, se vos manifestades firmes e UNIDOS, fazeis recuar os fascistas do corporativismo e patronato reaccional e conquistareis novos e mais largos regalias.

Salazar entrega o território português

(DA PÁGINA ANTERIOR)

O PETRÓLEO DE MOÇAMBIQUE E 50.000 QUILOMETROS QUADRADOS DADOS AOS E. E. U.

A descoberta de ricos jazigos de petróleo em Moçambique poderia ter aberto novas possibilidades para a resolução do nosso angustiõsõ problema de combustíveis. Em 1947, Portugal importou 570 mil toneladas de óleos minerais (petróleo, gazolina, gasóleo, fuel-oil, etc.). O petróleo de Moçambique (cujas reservas são enormes) poderia libertar a Economia nacional da dependência dos petróleos americanos e do tremendo encargo financeiro que representam os 400 mil contos anuaes que custam ao País os óleos minerais importados.

Tal, porém, como succedeu com o petróleo de Torres Vedras, o de Moçambique foi também entregue ao estrangeiro.

Pelo Dec. n.º 36.841 (publicado no «Diário do Governo» de 20 de Abril do ano corrente) foi concedido á empresa norte-americana Mozambique Gulf Oil Company o direito exclusivo de pesquisar e explorar jazigos de petróleo, nafta, oxoquerite, gaz natural e asfaltos, assim como enxofre, hélio, óxido de carbono e substâncias salinas.

Esta concessão mostra, por si só, como são falsas e hipocritas as afirmações salazaristas sobre a pretendida «reintegração sistemática na plena soberania da nação de tudo quanto andava dela desviado», como gritou no microfone de Moçambique em 2 de Dez. o governador fascista Gabriel Teixeira, a propósito do resgate dos caminhos de ferro da Beira.

O governo não se limitou a fazer esta concessão antinacional. Elle deu aos magnates do petróleo norte-americanos regalias e direitos que nem os portugueses têm na sua própria terra. Segundo o mesmo Dec., A GULF OIL FICOU ISENTA DO IMPOSTO MINERAL, PROFISSIONAL, DE TODO E QUALQUER IMPOSTO DE DEFESA E DE RENDIMENTO; DO PAGAMENTO DE DIREITOS DE EXPLORAÇÃO; DO PAGAMENTO DA CONTRIBUIÇÃO PREDIAL, ETC.

Ao mesmo tempo, grandes áreas foram dadas á companhia americana. Várias informações indicam que o TERRITÓRIO CEDIDO É SUPERIOR A 50 MIL QUILOMETROS QUADRADOS, ISTO É, MAIS DE METADE DA SUPERFICIE DE PORTUGAL.

Como, segundo os Estatutos da Companhia, esta pode construir aeródromos, caminhos de ferro, emissoras de rádio, portos, cais, etc., vê-se bem que ALEM DA ENTREGA DAS RIQUEZAS DO SUB-SOLO, O GOVERNO DE SALAZAR DA AOS E. E. U. VERDADEIRAS BASES PARA FINS MILITARES.

O CARVÃO E O URÂNIO DE TETE NAS MÃOS DOS E. E. U.

O que succede com o petróleo, succede com o carvão e o urânio de Moçambique.

A região de Tete, o riquissimo em carvão. Os jazigos de Moatize têm 80 milhões de ton. exploráveis e uma produção provável de 30 mil ton. anuaes. A importância destas minas para Portugal é facilmente compreendida, se tivermos em conta que, em 1947, importámos 986 mil ton. de carvões

que custaram ao país mais de 500 mil contos.

Ao governo de Salazar não interessam, porém, os interesses nacionais, mas os interesses dos seus patões estrangeiros. O CARVÃO DE MOZAMBIQUE É ENTREGUE A COMPANHIA CARBONIFERA DE MOZAMBIQUE, PRATICAMENTE NAS MÃOS DOS IMPERIALISTAS AMERICANOS.

O mesmo com o urânio, matéria prima indispensavel para a fabrica da bomba atómica. Em 1946, o Laboratório de Física da Faculdade de Ciências de Lisboa, observando vários minerais vindos de Moçambique, descobriu que alguns eram rádio-activos. Os cientistas portugueses, comunicando o facto ao Presidente da Junta de Investigações Científicas Coloniaes, o antigo ministro das Colónias fascista, engenheiro Bacciar Beirão, sublinhando a necessidade duma linha e immediata prospeção na região de Tete, donde provinham os minérios.

O governo não quis encontrar uma solução nacional. Alguns meses depois, os jornais anunciavam que, na região de Tete, prospectores americanos tinham descoberto importantes jazigas de urânio. E O RICO URÂNIO DE MOZAMBIQUE FOI ENTREGUE AOS FABRICANTES AMERICANOS DA BOMBA ATÓMICA.

Desta forma, os imperialistas norte-americanos vão tomando conta das riquezas de Moçambique. Nos n.ºs 124 e 125 do «AVANTE!» demos já muitas indicações sobre as possesões dos Ingleses em Moçambique. Agora, juntam-se-lhes os americanos, nas explorações agrícolas e mineiras de Manica e Sofala, no algodão, nos tabacos, cerâmica e cordaria de manga, os imperialistas americanos ganham dia a dia novas possesões. MOZAMBIQUE ESTÁ SE CONVERTENDO, PELA MÃO DE SALAZAR, NUMA NOVA COLÓNIA AMERICANA.

E, ao mesmo tempo, Wall Street, por intermédio da Société Générale de Belgique, Banco Baray e outras companhias «europaeas e «portuguesas» vai estendendo os seus tentáculos a Angola, ao algodão (Cotoang), aos diamantes (Diamang), aos combustíveis (Lobito), ao «Fomento Geral de Angolas (Fogearang) etc. etc..

O PORTO DA BEIRA AO SERVIÇO DOS ANGLIO-AMERICANOS

São estes factos, bem como a intensiva exploração das matérias primas estratégicas da Rodésia do Sul, que caíu por detrás dos «regates» do porto e dos caminhos de ferro da Beira.

O objectivo das longas negociações e acordos sobre os caminhos de ferro, foram expressamente definidos pelos governantes da Rodésia do Sul.

Quando os ministros das Minas e Comunicações da Rodésia vieram a Lisboa, em Janeiro passado, disseram ás tentativas de «FACILIDADES A CONCEDER PELO GOVERNO PORTUGUES PARA O TRANSPORTE DE PRODUTOS DA RODÉSIA DO SUL PELO CANHINHO DE FERRO AO PORTO DA BEIRA».

E quando o primeiro ministro da Rodésia chegou a Lisboa, em 28 do Outubro, declarou: «A África tem uma grande contribuição a dar para a prosperidade do mundo occidente. A parte que compete á Rodésia realiaza nessa contribuição. SÓ PODE SER INTERAMENTE EFECTIVADA COM A AJUDA E COLABORAÇÃO DOS NOSSOS AMI-

GOS PORTUGUESES».

O porto da Beira é o único escoadouro dos produtos arrancados ao solo de Moçambique e Rodésia pelos imperialistas norte-americanos. Os proprios jornais fascistas o não podem ocultar e são forçados a reconhecer que «as importantes estradas para a América passaram pela Beira» (do «Sociedade», de 30 de Novembro) e que só os «regates» por exemplo, representam 700 mil ton. a transportar imediatamente. As negociações e acordos concluidos tiveram como unico objectivo garantir o escoamento dos produtos anglo-americanos da Rodésia do Sul e dos territórios americanos em Moçambique. As companhias inglesas concessionárias do porto e dos caminhos de ferro da Beira, não as entregaram ao Estado português em condições de poderem servir o trafego que por ali vai ter lugar.

Além dos 7 milhões de libras que pagou pelo «regate», o Estado português terá que financiar importantissimas obras no porto e nos caminhos de ferro da Beira, de forma a servirrem convenientemente os magnates americanos, senhores das riquezas da Rodésia e de Moçambique. O ministro das Colónias, na sua «mensagem» de 2 de Dezembro não occultou que aí vão ser gastos 5 milhões de libras. «E isto — tem o ministro o desprante de dizer — para servir quase exclusivamente a Rodésia do Sul. Ou seja, traduzido em bom português: «E isto para servir exclusivamente os donos da Rodésia do Sul, os imperialistas anglo-americanos».

Explicita-se assim também como se estão a gastar 200 mil contos nos obras dos caminhos de ferro de Tete; que se anunciou a construção na Beira duma nova central eléctrica (30 de Novembro); que se fazem obras de abastecimento de agua, etc.

AS RIQUEZAS DE MOZAMBIQUE SÃO ENTREGUES AOS AMERICANOS. E PORTUGAL PAGARA AS OBRAS NOS TRANSPORTES QUE O SERVIRÁ.

POLÍTICA, AO SERVIÇO DO ESTRANGEIRO

HOMENS, AO SERVIÇO DO ESTRANGEIRO

A politica de traição nacional do governo de Salazar, é levada a cabo para comprar um auxilio para se manter no poder. Salazar, como Franco, como Tsalálaris, como Chiang-Kai-Chek, como os «socialistas» franceses ou os «democratas-cristãos» Italianos, há muito teriam sido encorçados, se não fora o apudo exterior que recebem. Os governantes reaccionários são vendibiles da independência de seus países. E, ligando seus interesses economicos pessoais aos interesses dos imperialistas estrangeiros, ESTÃO DIRECTA E PESSOALMENTE INTERESSADOS NOS ACORDOS E NEGOCIATAS ANTINACIONAIS.

Todos os portugueses devem saber que o actual ministro das Colónias, o fascista nazi THEÓFILO DUARTE, faz parte do Conselho de Administração da Companhia de Moçambique, controlada pelos imperialistas estrangeiros; que o actual ministro dos Negócios Estrangeiros, o fascista nazi CÂBRILO DA MATA, é grande acionista da mesma companhia; que o eng. BACELAR BEBIANO, um dos responsáveis da entrega do urânio aos EE UU, é o presidente do Conselho de Administração da empresa norte-americana Standard Elétrica; que muitos outros dirigentes salazaristas participam igualmente nos lucros

AS ELEIÇÕES AMERICANAS (FIM)

rosas e potentes, como a greve de mais de 100.000 trabalhadores dos portos da costa oriental dos EE UU e de dois motoristas de 850 companhias de camiónes de carga de Nova York e da Pensilvania. A maioria esmagadora do povo americano não quer a guerra, e, por isso, exige que o seu País siga a politica de paz para com todos os povos e que se não intrometa na vida interna de vários países do mundo.

da exploração das riquezas de Portugal e Colónias pelos imperialistas anglo-americanos.

A pretensa politica «patriótica» da camarilla salazarista, é uma politica de traidores e mercenários ao serviço do estrangeiro.

FORA, COM OS COVEIROS DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

A entrega das colónias portuguesas, é apenas um aspecto da politica da traição da camarilla salazarista. Onde está a independência portuguesa? Uma só resposta pode ser dada: Portugal cae, cessando de ser Portugal e convertendo-se numa colónia anglo-americana. Toda a politica do governo é hoje comandada por interesses estrangeiros: Portugal transforma-se numa base estratégica e militar dos EE UU. O governo prepara-se febilmente para participar na cruzada ant-soviética. A Agricultura, a Indústria, os recursos financeiros nacionais, são sacrificados aos interesses dos monopólios americanos. São os EE UU que comandam a politica economicã do governo, a sua accão diplomática, a sua propaganda.

FORA COM OS COVEIROS DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

A esmagadora maioria da nação está contra a politica de traição de Salazar. Por isso, ele teme a expressão da vontade popular. Por isso, ele reprime ferocemente todas as actividades democráticas e patrióticas. Por isso, ele se recusa a conceder as condições mínimas de liberdade para que o povo possa votar nas próximas «eleições» presidenciaes.

Unidos e firmes, na defesa dos interesses do Povo e do País, as forças democráticas salazaristas vencer todas as dificuldades. Esforçai-vos pelas amplas massas populares, sabendo levar ao poder um governo verdadeiramente patriótico, um governo democrático, um governo de concentração nacional — o unico que poderá assegurar o bem-estar do Povo, o progresso do País, a independência nacional, a paz.